

DESENVOLVIMENTO E DIGNIDADE HUMANA: COMPLEMENTARIDADE DE DUAS DIMENSÕES DA LINGUAGEM

Giana Diesel Sebastiany¹
Cidonea Machado Deponti²

Resumo

O artigo aborda o conceito de desenvolvimento como liberdade e suas implicações na ampliação da dignidade da vida humana, especialmente no que se refere às escolhas possíveis, a partir de dois economistas contemporâneos que, com dimensões distintas da linguagem, se complementam na interpretação do tema. Amartya Sen e Sebastião Salgado se debruçam sobre o mesmo contexto histórico, procurando apreender as muitas faces do desenvolvimento e suas repercussões na vida das pessoas. Conhecendo um pouco a trajetória de ambos, o desafio desse texto é compreender a complementaridade entre as palavras e as fotografias utilizadas pelos autores. Ao utilizarmos as imagens produzidas por Sebastião Salgado, estamos considerando-as como fontes históricas de abrangência multidisciplinar, que possibilitam novas abordagens de análise a partir de seus registros, assim como as palavras de Amartya Sen nos induzem a múltiplas reflexões. Os autores referidos retratam a saúde, a educação e a seguridade social como relações instrumentais fundamentais para a existência digna da humanidade. Entretanto, a provisão das mesmas não constitui um fim por si só; essa provisão só adquire um real sentido quando tem como meta a expansão das capacidades e das liberdades das pessoas que, assim, passam a exercer a condição de agentes de mudanças.

¹ Doutoranda em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC/RS); Mestre em Educação (UFSC/SC); Graduada em Educação Especial (UFSM/RS); Professora Assistente do Departamento de Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC/RS). Endereço: Rua Boa Esperança, 261 – Bairro Universitário – Santa Cruz do Sul – RS, Brasil. Telefones: (51) 3711 3998 – (51) 9997 4742. E-mail: giana@unisc.br

² Doutora em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Mestre em Integração Latino-Americana (UFSM/RS); Graduada em Ciências Econômicas (UFSM/RS); Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional de Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC/RS). Endereço : Rua Jacob Carlos Lampert, 60 - Bairro São João - Montenegro – RS, Brasil. Telefones: (51) 3649 2046 - (51) 8037 7492. E-mail: cidonea@unisc.br

Palavras-chave: Desenvolvimento; Dignidade Humana; Liberdade; Amartya Sen; Sebastião Salgado

1 INTRODUÇÃO

O grande desafio do século XXI talvez seja reconhecer que o desenvolvimento está para além do crescimento econômico, abrangendo esferas políticas e sociais capazes de garantir melhor qualidade de vida a toda população que assim o desejar.

Nesse texto, ainda que de forma não exaustiva, procuramos abordar o conceito de desenvolvimento como liberdade e suas implicações na ampliação da dignidade da vida humana, mais especificamente no que se refere às escolhas possíveis, a partir de dois economistas contemporâneos que, com dimensões distintas da linguagem, em nossa opinião, se complementam na interpretação do tema.

O primeiro economista a partir do qual empreendemos essa reflexão é Amartya Sen, nascido no ano de 1933, em Santiniketan, uma cidade universitária indiana. Em Dakar, hoje capital de Bangladesch, passou a maior parte de sua infância e deu início a sua educação formal.

Depois de alternar os seus interesses entre o sânscrito, a matemática e a física, acabaria por descobrir o fascínio da economia. Sen é hoje um dos mais notáveis pensadores mundiais, uma referência para a discussão de temas como a globalização, o liberalismo econômico, o terrorismo ou a desigualdade entre os gêneros.

O seu trabalho de investigação acerca dos mecanismos da fome e da pobreza, do desenvolvimento humano, do estado social e do liberalismo político valeram-lhe o Prémio Nobel da Economia em 1998 (In: <http://www.wook.pt/authors/detail/id/15881>. Acesso em 29 ago. 2012).

Em 1952, Amartya Sen foi para a Inglaterra estudar economia na Universidade de Cambridge. No retorno à Índia, proferiu conferências na Universidade de Jadavpur e atuou como professor da Escola de Economia de Delhi.

Intensamente marcado pela fome que atinge seu país, aprofunda o estudo das economias dos países em desenvolvimento e as condições de vida das populações mais pobres do planeta. Em 1981 escreve seu livro mais conhecido, *Pobres e Famintos: Um Ensaio sobre Direito e Privação*. Analisando catástrofes na Índia, em Bangladesh, na Etiópia e no Saara africano, Sen demonstra que até quando o

suprimento de alimentos não é significativamente inferior que o de anos anteriores pode ocorrer privação e fome. Sua conclusão é que a escassez de comida não constitui a principal causa da fome, como acreditam os acadêmicos, e sim a falta de organização governamental para produzir e distribuir os alimentos (<http://www.algosobre.com.br/biografias/amartya-sen.html>. Acesso em 29 ago. 2012).

Depois de lecionar na Índia e nos Estados Unidos (EUA), Sen ocupou, até 2004, o cargo de professor titular do Trinity College, em Cambridge no Reino Unido. É atualmente professor na Universidade de Harvard.

Para Sen, [...] a fome é produto de fatores sociais e econômicos que afetam os diferentes grupos da sociedade e que influenciam a eleição de oportunidades. Comprovou que a fome de Bangladesh em 1974 se deu, em parte, porque as inundações desse ano tinham elevado os preços dos alimentos, ao mesmo tempo em que os operários agrícolas careciam de trabalho com a concomitante queda de seu poder aquisitivo (In: http://www.corecon-rj.org.br/Grandes_Economistas_Resultado.asp?ID=143. Acesso em 29 ago. 2012).

O segundo, mais conhecido pela sua atuação como fotógrafo, é o brasileiro Sebastião Salgado. Nasceu em Aimorés, no Estado de Minas Gerais, em 1944. Fez sua graduação em economia em Vitória/ES, mestrado em economia pela Universidade de São Paulo, em 1968, e obteve a titulação de doutor pela Universidade de Paris, em 1971.

Devido às perseguições políticas empreendidas pela Ditadura Militar, foi obrigado a buscar asilo político em Paris, em 1969. Aí ele completou o doutorado em Economia [...]. Voltando para o Brasil, ele atuou na Organização Internacional do Café, em 1973, como especialista na fiscalização de plantações africanas. Assim, ao completar 29 anos, em uma viagem à África, levando uma máquina de sua esposa, Lélia Wanick Salgado, teve seu encontro definitivo com a fotografia (SANTANA. In: <http://www.infoescola.com/biografias/sebastiao-salgado/>. Acesso em 26 ago. 2012).

Utilizando a linguagem da imagem/fotografia, Sebastião Salgado encontra uma maneira especial de interpretar as relações entre o desenvolvimento propagado pelo mundo moderno e a exclusão de pessoas da condição de existência com dignidade; interpreta os acontecimentos contemporâneos em seus aspectos econômicos, políticos e sociais, a partir de suas imagens em preto e branco.

El respecto que profesa [...] por los sujetos de sus fotografías, así como su empeño por descubrir el significado más profundo de lo que a ellos le sucede, se plasma en imágenes que son testimonios de la dignidad fundamental de todos los seres humanos sin dejar por ello de denunciar que esa dignidad es violada por la guerra, la pobreza y la injusticia (In: <http://www.unicef.org/spanish/salgado/bio.htm>. Acesso em 26 ago. 2012).

Salgado foi nomeado Representante Oficial da UNICEF em 03 de abril de 2001, por ter se dedicado a retratar a situação de excluídos nos diferentes continentes. Seu trabalho encontra-se publicado em livros de grande impacto em diferentes países. Cabe lembrar, ainda, as suas muitas exposições, que lhe renderam premiações na Europa e América.

Deseo que cada persona que entra a una de mis exposiciones sea al salir una persona diferente [...]. Creo que toda persona puede ayudar, no necesariamente donando bienes materiales, sino formando parte del debate, y preocupándose por lo que sucede en el mundo (SALGADO. In: <http://www.unicef.org/spanish/salgado/bio.htm>. Acesso em 26 ago. 2012).

Sebastião Salgado mora em Paris e, segundo biografia que consta no livro *O Fim da Pólio* (2003), uma parceria com a Unicef, publicou, também, dentre outros: *Sahel: L'Homme em Détresse* (1986), resultado do seu trabalho com o grupo francês Médicos sem Fronteira no Sahel africano; *Trabalhadores* (1996), onde documentou o trabalho manual em larga escala; *Terra* (1997), projeto sobre a luta pela terra no Brasil; *Outras Américas* (1999), uma incursão através das culturas camponesas e da resistência cultural; *Êxodos* (2000) e *Retratos de crianças do êxodo* (2000), obras dedicadas àqueles que são obrigados a deixar seu local de origem, refugiados e migrantes de 41 países; além de *África* (2007), retratando muitos continentes dentro de um só.

Conhecendo um pouco a trajetória de Amartya Sen e Sebastião Salgado, o desafio desse texto é justamente compreender essa complementaridade entre as duas dimensões da linguagem utilizadas pelos mesmos: as palavras e as imagens.

Embora sendo mais utilizada como um documento comprobatório de pesquisas (incursões empíricas), “a imagem [nesse trabalho] não é vista como um dado empírico objetivo, mas como um ponto de partida para uma reflexão conjunta sobre determinados contextos e situações” (BARBOSA & CUNHA, 2006, p.50).

Ao utilizarmos as imagens produzidas por Sebastião Salgado, estamos considerando-as como fontes históricas de abrangência multidisciplinar, não se esgotando em si mesmas, mas permitindo novas abordagens de análise a partir de seus registros. Dessa forma, fugimos do equívoco de considerar a fotografia apenas no plano iconográfico.

O chamado documento fotográfico não é inócuo. A imagem fotográfica não é um simples registro químico ou eletrônico do objeto fotografado: qualquer que seja o

objeto da documentação não se pode esquecer que a fotografia é sempre uma representação a partir do real intermediada pelo fotógrafo que a produz segundo sua forma particular de compreensão daquele real, seu repertório, sua ideologia (KOSSOY, 2009, p.51-52).

2 DESENVOLVIMENTO X CRESCIMENTO ECONÔMICO

Ao longo do século XX, observamos a predominância da relação causal entre desenvolvimento e crescimento econômico, embora reconhecendo a polissemia que encerra o conceito de desenvolvimento. No pensamento econômico hegemônico, há a associação direta e fundamental entre o desenvolvimento e o crescimento da produção.

Com o crescimento econômico, capitaneado pela industrialização, o desenvolvimento (aumento de riquezas) chegaria a todos; em algum tempo, toda a população teria acesso à riqueza decorrente desse processo de industrialização. Portanto, o desenvolvimento era considerado como “natural”, como uma evolução histórica, um “devir capitalista”, que não necessitava de intervenções para a sua promoção. Todavia: “Nos anos que se seguiram à Revolução Industrial, tornou-se cada vez mais evidente que a multiplicação da capacidade da produção da riqueza proporcionada pela indústria impulsionava a acumulação privada” (OLIVEIRA & GENNARI, 2009, p.04).

O crescimento/desenvolvimento econômico enfrentou algumas crises, ao longo do primeiro terço do século passado, porém, essas crises eram consideradas flutuações cíclicas, inerentes ao movimento autônomo do regime capitalista.

A confiança em mecanismos automáticos reequilibradores das crises dispensavam qualquer intervencionismo corretor. Não se considerava necessário estabelecer programas, públicos ou privados, destinados a promover um desenvolvimento que deveria chegar “naturalmente” (GÓMEZ, 1997, p.2).

Entretanto, o contexto pós 2ª Guerra Mundial gera a necessidade da revisão de algumas certezas e modifica a compreensão da necessidade de uma intervenção planejada no contexto econômico, a fim de elevar o nível de desenvolvimento dos países. Foi dada a largada para uma “corrida desenvolvimentista”, tendo os Estados Unidos da América como “líder e promotor do desenvolvimento industrial em outros países”. Havia a preocupação com a reconstrução de países (já industrializados) devastados pela guerra e com a pobreza gritante de territórios coloniais que iam conquistando independência.

A força inercial do capitalismo já não mais dava conta da promessa de equidade no desenvolvimento e no alcance às riquezas advindas do crescimento econômico. Além disso, as proposições keynesianas³ apontavam para a possibilidade de uma intervenção planejada na economia, acelerando a industrialização e os resultados econômicos, quantitativamente.

A expansão capitalista no período pós-guerra veio alicerçada numa ampliação dos fluxos do comércio mundial e investimentos internacionais na reconstrução dos países devastados. Cabe lembrar, entretanto, que a expansão não aconteceu de forma homogênea em todos os países. Conforme Harvey (2009), alguns países não conseguiram aportar pesados investimentos na produção em massa e, da mesma forma, não possibilitaram o consumo em massa. Cada vez mais, o capital concentrou-se numa série de regiões de grande produção, em termos da economia mundial.

A busca desenfreada pela industrialização e pelo desenvolvimento econômico levou a maioria dos países do mundo a concentrar seus esforços na promoção do crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), deixando a qualidade de vida em segundo plano. O crescimento econômico era visto como meio e fim do desenvolvimento (OLIVEIRA, 2002, p.37).

A partir desse momento, o modelo de “Estado desenvolvimentista” impõe-se no contexto internacional, possibilitando estudos e ações de aperfeiçoamento do seu marco teórico e operativo, além da institucionalização dos seus pressupostos pelos governos e pelas empresas. No entanto, para governar é preciso avaliar, medir e comparar.

Assim, a avaliação do desenvolvimento esteve limitada à sua dimensão econômica, durante praticamente todo o século XX, assumindo sua tradução em índices que buscaram quantificar a riqueza gerada em diferentes países. Nesse contexto é que os indicadores⁴ dos índices foram construídos, como instrumentos de medida que fossem aceitos em escala mundial, possibilitando a comparação, a análise e a tomada de decisões.

Nos anos 50, numa ampla campanha em favor do crescimento econômico dos países, as Nações Unidas elegem o Produto Nacional Bruto (PNB), ou Produto Interno Bruto (PIB)⁵,

³ As ideias de Jonh M. Keynes consistiam num “conjunto de estratégias administrativas científicas e poderes estatais, que estabilizassem o capitalismo” (HARVEY, 2009, p.124).

⁴ Indicadores “e sua expressão em índices são muito úteis, face ao seu poder de concisão, condensando o quadro de uma situação em um período específico (...). Os indicadores facilitam a tomada de decisão, pois, pelos processos de quantificação e simplificação da informação, informam/formam a opinião pública, teoricamente de importância vital em sistemas democráticos” (HERCULANO, 2000, p. 21).

⁵ Tornando-se aplicável a escalas regionais e intranacionais.

“como indicador que separa os *países pobres* dos *países ricos*” (GÓMEZ, 199?, p.3), ou melhor, países subdesenvolvidos de países desenvolvidos (linguagem da época).

Com a adoção da mensuração do Produto Interno Bruto (PIB) no cenário mundial, aprofundou-se a perspectiva de avaliação do desenvolvimento predominantemente pelas riquezas geradas, mesmo que, de pronto, algumas críticas já tenham surgido, especialmente no que se refere ao fato do PIB medir atividades econômicas destrutivas e reparadoras (em termos ambientais, por exemplo) como produtivas. Também, a divisão do PIB *per capita*⁶ tem sido questionada enquanto medida da renda real da população.

O Produto Nacional Bruto per capita pode ser um bom indicador da renda média real de uma nação, mas as rendas verdadeiras usufruídas pelas pessoas vão depender também do padrão distributivo da renda nacional. E também a qualidade de vida das pessoas depende não meramente de sua renda pessoal (SEN & KLIKSBURG, 2011, p.75).

Nos anos 60 e 70, fica evidente que a mensuração do PIB dos países não gera a redução da pobreza e não reflete, adequadamente, o impacto do desenvolvimento econômico das condições de vida das populações. Entretanto, somente a partir de 1990, a Organização das Nações Unidas (ONU) propõe a medição do desenvolvimento incorporando outros critérios, tendo como fundamentação as contribuições de Amartya Sen e Mahbub ul Haq.

Para Veiga (2006, p.18):

Desde que o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) lançou o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) para evitar o uso excessivo da opulência econômica como critério de aferição, ficou muito esquisito continuar a insistir na simples identificação do desenvolvimento com o crescimento.

Nesse sentido, Veiga (2006) reforça seus argumentos pontuando que mesmo o grande crescimento econômico da década de 1950 (em países semi-industrializados, dentre eles o Brasil) não possibilitou o acesso das populações mais pobres aos bens materiais, culturais e aos serviços essenciais, como a educação e a saúde. Também destaca a compreensão de Amartya Sen (2010) do desenvolvimento como liberdade, ou seja, como “eliminação de tudo o que limita as escolhas e as oportunidades das pessoas” (VEIGA, 2006, p.34).

O enfoque nas liberdades humanas contrasta com visões mais restritas de desenvolvimento, como as que identificam desenvolvimento como o crescimento do

⁶ Para definir a renda per capita de uma região, divide-se o PIB pelo número de habitantes da área em estudo.

Produto Nacional Bruto (PNB), aumento de rendas pessoais, industrialização, avanço tecnológico ou modernização social (SEN, 2010, p. 16).

3 SEN E A COMPREENSÃO DO “DESENVOLVIMENTO COMO LIBERDADE”

Sen procura demonstrar [...] a necessidade de se reconhecer o papel das diferentes formas de liberdade no combate às absurdas privações, destituições e opressões existentes em um mundo marcado por um grau de opulência que teria sido difícil até mesmo imaginar um ou dois séculos atrás (VEIGA, 2006, p.33).

Veiga (2006), comentando Amartya Sen, contextualiza o século XX, destacando o modelo democrático e participativo como forma de organização política predominante no ideário hegemônico. Também aponta o fortalecimento de conceitos como direitos humanos e liberdade política, além de ressaltar o aumento da média de vida das pessoas e o estreitamento das ligações comerciais e de comunicação. Isso faz com que ideias e ideais sejam velozmente compartilhados. Entretanto, o autor destaca que, nesse contexto, alguns problemas ainda não foram resolvidos: “pobreza e tirania, carência de oportunidades econômicas e destituição social sistemática, negligência dos serviços públicos e intolerância ou interferência de Estados repressivos” (VEIGA, 2006, p.34).

Ao destacar que “vivemos em um mundo de opulência sem precedentes” (2010, p.09), Amartya Sen aponta as grandes transformações ocorridas no século XX, para além da esfera econômica, alcançando as descobertas científicas (que aumentam a longevidade da vida humana), a aproximação das diferentes regiões do globo terrestre (via meios de transporte e comunicação) facilitando o intercâmbio de mercadorias e ideias. Para além desses aspectos, ressalta, ainda, os conceitos de direitos humanos e de liberdade política como parte consolidada da retórica contemporânea.

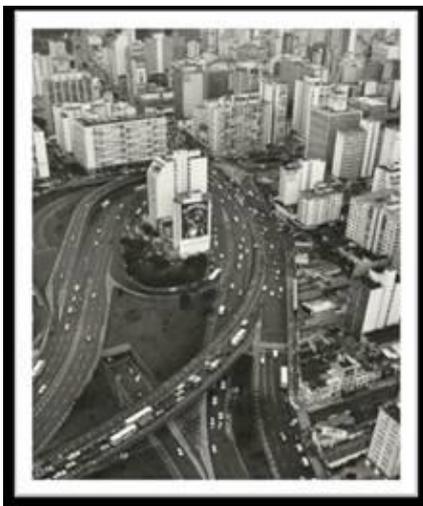
Entretanto, vivemos igualmente em um mundo de privação, destituição e opressão extraordinárias. Existem problemas novos convivendo com os antigos – a persistência da pobreza e de necessidades essenciais não satisfeitas, fomes coletivas e fome crônica muito disseminadas, violação de liberdades políticas elementares e de liberdades formais básicas, ampla negligência diante dos interesses e da condição de agente das mulheres e ameaças cada vez mais graves ao nosso meio ambiente e à sustentabilidade de nossa vida econômica e social (SEN, 2010, p. 09).

As contradições tão exacerbadas ao longo do século XX e tão explícitas no nosso cotidiano são também expressas nas fotografias de Sebastião Salgado (2000, p.326-327), nas

SEBASTIANY, G.; DEPONTI, C. M.

quais expõe a opulência do mundo contemporâneo, com seus prédios e viadutos e a violação de direitos elementares às pessoas, retratando a vida sob esses mesmos viadutos.

Fotografia 01



Fonte: SALGADO, 2000, p. 326

Fotografia 02



Fonte: SALGADO, 2000, p.327

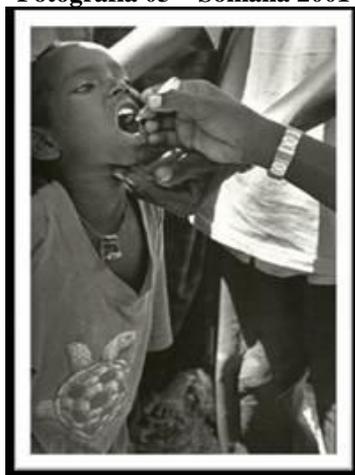
Sen (2010, p.09) aponta que “superar esses problemas é uma parte central do processo de desenvolvimento”. Para tanto, é necessário que se conheça o papel das diferentes formas

de liberdade e de como os indivíduos podem assumir a condição de agentes na garantia das mesmas. Porém, acentua a interdependência entre a condição de agente individual e as disposições sociais:

é importante o reconhecimento simultâneo da centralidade da liberdade individual e da força das influências sociais sobre o grau e o alcance da liberdade individual. Para combater os problemas que enfrentamos, temos de considerar a liberdade individual um comprometimento social (SEN, 2010, p.10).

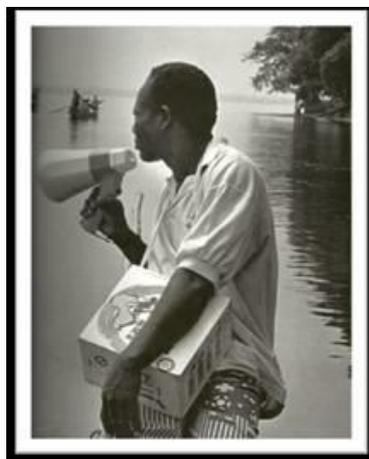
Nesse aspecto, Sebastião Salgado (2003) testemunha o comprometimento social, em prol da liberdade individual, de organizações não governamentais (ONGs), governos, entidades internacionais e indivíduos do mundo inteiro no combate ao flagelo da poliomielite.

Fotografia 03 – Somália 2001



Fonte: SALGADO, 2003, s.p.

Fotografia 04 – República Democrática do Congo 2001



Fonte: SALGADO, 2003, s.p.

No caso da luta pela erradicação da poliomielite, a liberdade individual é compreendida quanto à capacidade de alguém fazer algo que possa garantir a sua saúde e sobrevivência, bem como dos seus. Ao alcançar a vacina capaz de proteger as pessoas das sequelas da paralisia infantil, testemunhou-se o comprometimento social de muitos “agentes de saúde – na sua maioria voluntários não remunerados – que, com engenhosidade, coragem e persistência, se encarregam de transportar a precíval vacina antipólio e cuidam para que ela seja adequadamente administrável” (ANNAN, Kofi A. In: SALGADO, 2003, p.07).

Especificamente sobre a expansão da liberdade individual e sua relação com a equidade em saúde, Sen (SEN & KLIKSBERG, 2011, p.67-68) afirma que:

Inclui questões sobre a realização da saúde e a capacidade de realizar a boa saúde, não apenas sobre a distribuição de atendimentos de saúde [...]. Inclui a justiça processual e, portanto, deve associar importância a não discriminação na entrega de atendimento em saúde.

3.1 Liberdade x Liberdades

O desenvolvimento, nessa perspectiva, é fruto da expansão das liberdades individuais, na medida em que pressupõe a eliminação de todas as privações que possam limitar escolhas e oportunidades das pessoas, enfim, que possam limitar a condição de agentes das mesmas.

A condição de agente de mudança é muito cara à argumentação de Amartya Sen; mesmo que políticas sociais de assistência sejam necessárias para tirar pessoas da condição de imobilidade gerada pela pobreza extrema, esse é apenas um primeiro passo para que se transformem em agentes ativos de mudanças, superando a condição de recebedores passivos de benefícios.

Os fins e os meios do desenvolvimento exigem que a perspectiva da liberdade seja colocada no centro do palco. Nessa perspectiva, as pessoas têm de ser vistas como ativamente envolvidas – dada a oportunidade – na conformação de seu próprio destino, e não apenas como beneficiárias passivas dos frutos de engenhosos programas de desenvolvimento (SEN, 2010, p. 77).

Muitas fontes de privação das liberdades reais das pessoas estão relacionadas com a pobreza, com a intolerância, com a negligência dos serviços públicos, com a tirania, com a

interferência opressora de alguns Estados e com a carência de oportunidades educacionais, sociais e econômicas.

Quando essas liberdades individuais substantivas estão ausentes em função da pobreza econômica, isso acaba por roubar “das pessoas a liberdade de saciar a fome, de obter uma nutrição satisfatória ou remédios para doenças tratáveis, a oportunidade de vestir-se ou morar de modo apropriado, de ter acesso à água tratada ou saneamento básico” (SEN, 2010, p.17).

Sebastião Salgado trabalhou na África desde o início de sua carreira. Dessa forma, registrou as cenas cotidianas de um continente que sofre com a pobreza extrema, assim como é capaz de lutar pela dignidade. Mia Couto (In: SALGADO, 2007, p.05) diz que o fotógrafo “testemunhou alguns dos mais dramáticos momentos, a consumação do trágico mas também o eclodir da esperança”.

Nas fotografias da fome na África, está presente outra dimensão da linguagem, capaz de expressar, tão veementemente quanto àquela que utiliza palavras, a negação do sentido humano, a negação da liberdade substantiva de sobrevivência.

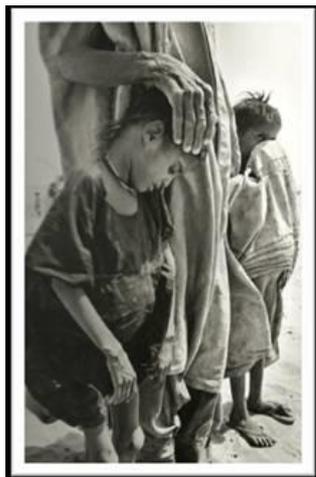
“Dir-se-á que as imagens de Salgado estão raspando a ferida. Mas é preciso não esquecer nunca. Todos sangraremos sempre dessa ferida” (COUTO, Mia. In: SALGADO, 2007, p. 155).

Fotografia 05 – Mali 1985



Fonte: SALGADO, 2007, p. 223

Fotografia 06 – Mali 1985



Fonte: SALGADO, 2007, p. 245

“Uma mão sobre a cabeça de uma menina famélica parece suspender o seu corpo para além da gravidade. Essa criança perdeu o peso, emigrou de si mesma, está em trânsito ascendente para os céus” (COUTO, Mia. In: SALGADO, 2007, p. 205).

Fotografia 07 – Mali 1985



Fonte: SALGADO, 2007, p. 245

Sen (2010) também aponta a privação de liberdade substantiva vinculada à carência de serviços públicos, de assistência social, exemplificando com a ausência de programas epidemiológicos, de educação ou de manutenção da paz.

Cativantes meninas em cadeiras de rodas. Um garoto, suas pernas paralisadas, corre para um jogo de futebol, arrastando-se com as mãos e os joelhos. Uma menina de muletas de esforça para descer do ônibus escolar. Como atestam as luminosas fotos de Sebastião Salgado, existem poucas imagens mais dilacerantes da negligência do mundo em relação às crianças do que aquelas que mostram a paralisia infantil. O

DESENVOLVIMENTO E DIGNIDADE HUMANA: COMPLEMENTARIDADE DE DUAS DIMENSÕES DA
LINGUAGEM

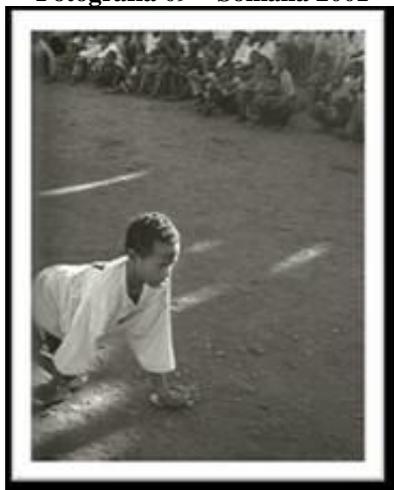
mero fato de o vírus continuar a existir é, em si mesmo, uma condenação, pois essa é uma doença plenamente evitável (ANNAN, Kofi A. In: SALGADO, 2003, p. 07).

Fotografia 08 – Índia 2001



Fonte: SALGADO, 2003, s.p.

Fotografia 09 – Somália 2001



Fonte: SALGADO, 2003, s.p.

Fotografia 10 – Índia 2001

Fonte: SALGADO, 2003, s.p.

A violação da liberdade também resulta da ação de regimes de governo autoritários que negam liberdades políticas e civis. Dessa ação são advindas restrições à liberdade de participação social, política e econômica na vida em comunidade.

Durante os anos de 1974 e 1975, Sebastião Salgado esteve em Portugal, em Angola e em Moçambique, realizando a cobertura dos acontecimentos resultantes do 25 de Abril de 1974. Nessa data, Portugal assistiu a um movimento militar incomum, que teve como objetivo derrubar o regime vigente; esse movimento ficou conhecido como “Revolução dos Cravos”.

Por detrás dos acontecimentos do **25 de Abril de 1974** estão mais de 40 anos de um regime autoritário, que governava em ditadura e fazia uso de todos os meios ao seu alcance para reprimir as tentativas de transição para um estado de direito democrático. A censura, a PIDE [Polícia de Investigação e Defesa do Estado] e a Legião e a Mocidade Portuguesa são alguns exemplos do que os cidadãos tinham de enfrentar no seu dia-a-dia. Por outro lado, a pobreza, a fome e a falta de oportunidades para um futuro melhor, frutos do isolamento a que o país estava votado há décadas, provocaram um fluxo de emigração que agravava, cada vez mais, as fracas condições da economia nacional (In: <http://www.historiadeportugal.info/25-de-abril-de-1974/>. Acesso em 01 set. 2012).

As fotografias de Salgado (1999) mostram a luta pela derrubada de um regime autoritário ditatorial e o envolvimento de sujeitos-agentes na mesma.

Fotografia 11 – Lisboa/Portugal 1975

DESENVOLVIMENTO E DIGNIDADE HUMANA: COMPLEMENTARIDADE DE DUAS DIMENSÕES DA
LINGUAGEM



Fonte: SALGADO, 1999, p.18-19

Sen (2010) procura ressaltar o papel central da liberdade no processo de desenvolvimento, pontuando duas razões:

(1) A *razão avaliatória*: a avaliação do progresso tem de ser feita verificando-se primordialmente se houve aumento das liberdades das pessoas. (2) A *razão da eficácia*: a realização do desenvolvimento depende inteiramente da livre condição de agente das pessoas (SEN, 2010, p.17).

Em entrevista concedida ao Programa Roda Viva (em setembro de 2001), Amartya Sen reforça a razão avaliatória da liberdade no processo de desenvolvimento, lembrando que há muitas liberdades e que as mesmas são interligadas. Assim, é possível avaliar o desenvolvimento de um país pelo aumento das liberdades das pessoas, mas não é possível comparar um país a outro; as conquistas da liberdade e suas dimensões são distintas entre os países e mesmo dentro de um único país.

Há duas coisas que devemos reconhecer sobre liberdade. Uma é que a liberdade tem muitos aspectos diferentes. Há liberdade política, econômica, social... São interligadas, mas são diferentes. Os chineses têm uma liberdade maior da subnutrição e fome do que os indianos. Os chineses têm menos liberdade politicamente, menos liberdade democrática, liberdade política, - não se pode sequer exercitar-se na Praça da Paz Celestial, sem que a polícia venha - do que os indianos. Não há tensão, não há contradição em dizer que indianos têm maior liberdade política que chineses e que chineses têm maior liberdade quanto às necessidades básicas, em termos de saúde e educação básica que os indianos. Não há contradição, é a natureza da liberdade que tem muitos aspectos. Essa é uma coisa. Em segundo lugar, quando pergunta se há ou não liberdade, com todo o respeito, não é a pergunta certa. Liberdade não é uma questão de zero e um. Não cheguei às letras gregas, mas cheguei aos numerais, zero e um [risos]. Há mais ou há menos. Se não houver nenhuma escola pública, para que os pobres frequentem a escola, essa é uma negação de liberdade. Pode ser pior, se não houver escolas públicas e não for permitido haver escolas públicas, para meninas, por exemplo, no Afeganistão, isso é ainda pior. Por outro lado, há escolas públicas, mas não são suficientes, como na Índia. Isso é melhor, mas não é o adequado. São necessárias mais escolas. (SEN,

2001

In:

http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/32/entrevistados/amartya_sen_2001.htm.

Acesso em: 01 set. 2012).

Quanto à razão da eficácia, no exercício democrático, a condição de livre agente de uma pessoa fortalece a conquista das “outras liberdades”, na medida em que a mesma participa e faz escolhas político-sociais.

O que as pessoas conseguem positivamente realizar é influenciado por oportunidades econômicas, liberdades políticas, poderes sociais e por condições habilitadoras como boa saúde, educação básica e incentivo e aperfeiçoamento de iniciativas. As disposições institucionais que proporcionam essas oportunidades são ainda influenciadas pelo exercício de liberdades das pessoas, mediante a liberdade para participar da escolha social e da tomada de decisões públicas que impelem o progresso dessas oportunidades (SEN, 2010, p.18).

Nesse sentido, novamente podemos recorrer às fotografias de Sebastião Salgado, quando registra o Movimento dos Sem Terra (MST) no Brasil, nas décadas de 1980 e 1990, culminando com a publicação do livro “Terra”, em 1997. Na organização do MST, além da escolha social e tomada de decisão de “luta pela terra”, não entrando no mérito de suas contradições, o movimento trouxe consigo a “luta pela educação” (representada pelas escolas criadas nos assentamentos) e a “luta pela sobrevivência”, advinda da possibilidade do cultivo da terra.

Fotografia 12– Escola de Assentamento MST



Fonte: SALGADO, 1997, p.107

Quando tinha cinco anos de idade, a menina Joceli Borges foi fotografada por Salgado. Naquela época, ela e os pais faziam parte do MST e estavam no interior do Paraná,

um busca de um lote de terra. Sua fotografia virou a capa do livro “Terra”, sendo internacionalmente reconhecida. Passados dezesseis anos, uma reportagem da Folha de São Paulo (de 24 de agosto de 2012) mostra a jovem, agora com 21 anos, casada e com uma filha, vivendo em outro acampamento e lutando pelo seu lote de terra.

Fotografia 13 – Menina Sem Terra



Fonte: à esquerda, foto feita por Sebastião Salgado em 1996;

à direita, Joceli hoje, em acampamento do MST (In: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/1142313-menina-eternizada-em-foto-de-sebastiao-salgado-ainda-e-sem-terra.shtml>. Acesso em 01 set. 2012).

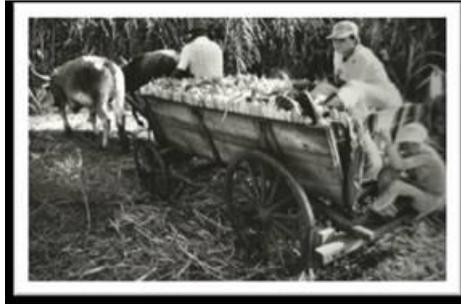
Outras imagens de Salgado (2000) reforçam as lutas do MST e a condição de agente dos indivíduos em movimento pela expansão das liberdades.

Fotografia 14 - MST



Fonte: SALGADO, 2000, p.305

Fotografia 15 - MST



Fonte: SALGADO, 2000, p.302

3.2 Transações, Mercados e Privação de Liberdade Econômica

Os mercados possuem papel fundamental no crescimento econômico e, conseqüentemente, no processo de desenvolvimento. Amartya Sen (2010) reconhece esse papel, tão difundido no pensamento econômico e suas diferentes correntes. Entretanto, além de propiciar o aumento de renda, via crescimento econômico, o desenvolvimento deve levar, antes de qualquer coisa, à remoção da privação de liberdades: desenvolver é libertar da fome, da doença, da opressão, da falta de voz e da condição incapacitante quanto à reação e a capacidade de agir em prol do que se acredita.

Tendo como fundamento a teoria de Adam Smith, Sen (2010) aponta a restrição de acesso ao livre mercado como uma privação extremamente perversa na cultura ocidental capitalista. Assim, pela impossibilidade da busca de subsistência no livre mercado, o sujeito vê-se privado, em sua autonomia, de expandir suas liberdades.

A incapacidade de proporcionar aos indivíduos condições para que eles próprios busquem no mercado produtos que satisfaçam suas necessidades é, para Sen, a mais perversa privação de liberdade que existe nos países ocidentais. Porém não se deve negar que esta privação está intimamente relacionada com a ineficiência dos mecanismos econômicos de proporcionar trabalho digno a todos os indivíduos (ROCHA, 2001, p.196-197).

“Como observou Adam Smith, a liberdade de troca e transação é ela própria uma parte essencial das liberdades básicas que as pessoas têm razão para valorizar” (SEN, 2010, p.20). Essa liberdade econômica faz parte da condição humana, uma vez que gera a autonomia do sujeito para determinar os rumos de sua existência. “Ser *genericamente contra* os mercados seria quase tão estapafúrdio quanto ser genericamente contra a conversa entre as pessoas” (SEN, 2010, p.20).

DESENVOLVIMENTO E DIGNIDADE HUMANA: COMPLEMENTARIDADE DE DUAS DIMENSÕES DA LINGUAGEM

A liberdade de trocar palavras, bens ou presentes não necessita de justificação defensiva com relação a seus efeitos favoráveis mas distantes; essas trocas fazem parte do modo como os seres humanos vivem e interagem na sociedade (a menos que sejam impedidos por regulamentação ou decreto). A contribuição do mecanismo de mercado para o crescimento econômico é obviamente importante, mas vem depois do reconhecimento da importância direta da liberdade de troca – de palavras, bens, presentes (SEN, 2010, p.20).

O autor (SEN, 2010) apresenta a argumentação de que a rejeição da liberdade de participar do mercado de trabalho, por exemplo, é uma forma de manter a sujeição e o cativo, implícito ou explícito, de mão de obra no nosso contexto contemporâneo. A liberdade de participar do intercâmbio econômico tem um papel básico na vida social. O próprio Karl Marx ressalta (em *O capital*) a Guerra Civil americana como “o grande evento da história contemporânea” relacionando-a à questão da liberdade do contrato de trabalho em oposição à condição anterior da escravidão.

Esse cativo, que nega o acesso ao mercado de trabalho na sociedade contemporânea, foi testemunhado por Sebastião Salgado e exposto na obra “Êxodos” (2000), quando o mesmo retratou “as vastas metrópoles incontroláveis, como Cidade do México e São Paulo, rodeadas pelas favelas onde se apinham os migrantes”, excluídos desse mercado.

Fotografia 16



Fonte: SALGADO, 2000, p.318

Cabe examinar, no mecanismo de mercado, “a persistência de privações entre os segmentos da comunidade que permanecem excluídos dos benefícios da sociedade orientada para o mercado” (SEN, 2010, p.21).

Fotografia 17



Fonte: SALGADO, 2000, p.325

“A privação da liberdade econômica, na forma de pobreza extrema, pode tornar a pessoa uma presa indefesa na violação de outros tipos de liberdade” (SEN, 2010, p.23).

Sen (2010) alerta para a questão de que a disciplina da economia tendeu a afastar-se do enfoque sobre o valor das liberdades em favor do valor das utilidades, rendas e riqueza. O mercado pode promover a negação de oportunidade de transação, por meio de controles arbitrários, constituindo-se numa fonte de privação da liberdade. É preciso superar a visão estreita de que os mercados sempre expandem a renda, a riqueza e as oportunidades econômicas das pessoas.

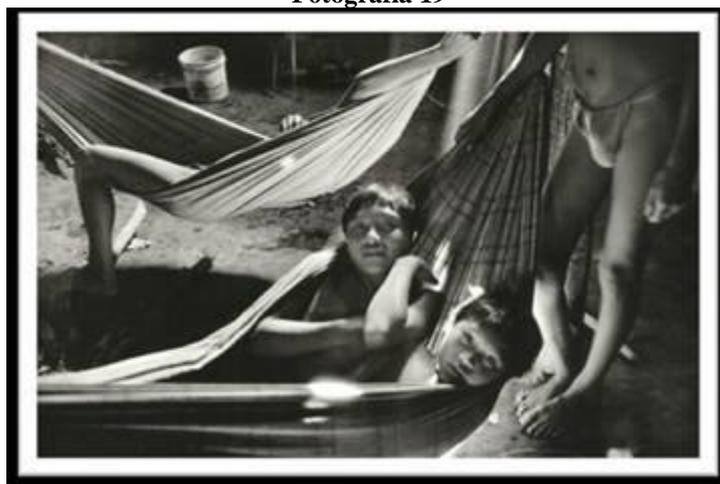
3.3 Compreensão mais Abrangente de Desenvolvimento

O processo de desenvolvimento integra as considerações econômicas, sociais e políticas. Essa compreensão mais abrangente de desenvolvimento nos permite reconhecer os papéis fundamentais, no processo de desenvolvimento, de instituições ligadas ao mercado financeiro, governos, autoridades locais, organizações não governamentais, sistema educacional, mídia e meios de comunicação. Da mesma forma, permite que percebamos o quanto os valores sociais e costumes influenciam na liberdade da qual as pessoas desfrutam e prezam. Ou seja: “Normas comuns podem influenciar características sociais como a igualdade entre os sexos, a natureza dos cuidados dispensados aos filhos, o tamanho da família e os padrões de fecundidade, o tratamento do meio ambiente e muitas outras” (SEN, 2010, p.23).

Ao fotografar o cotidiano de tribos indígenas na Amazônia brasileira, Salgado (2000) apresenta os costumes e valores influenciando na liberdade desfrutada pelos seres humanos, a partir daquilo que prezam.

Fotografia 18

Fonte: SALGADO, 2000, p.254

Fotografia 19

Fonte: SALGADO, 2000, p.254

Em síntese, Amartya Sen (2010, p. 24) diz que “o exercício da liberdade é mediado por valores que, porém, por sua vez, são influenciados por discussões públicas e interações

sociais, que são, elas próprias, influenciadas pelas liberdades de participação” ou exercício democrático da liberdade de participação.

3.4 Liberdades Instrumentais

A liberdade é considerada (1) o fim primordial e (2) o principal meio do desenvolvimento. Respectivamente, papel constitutivo e papel instrumental da liberdade.

O papel constitutivo relaciona-se à importância da liberdade substantiva no enriquecimento da vida humana. As liberdades substantivas incluem capacidades elementares como por exemplo ter condições de evitar privações como a fome, a subnutrição, a morbidez evitável e a morte prematura, bem como as liberdades associadas a saber ler e fazer cálculos aritméticos, ter participação política e liberdade de expressão etc. (SEN, 2010, p.55).

Sen (2010) defende a ideia de que a expansão das liberdades não é apenas um fim em si mesma, enquanto conceito de desenvolvimento; é, também, o meio principal para atingi-lo. Por isso, apresenta o conceito de papel instrumental da liberdade ou, simplesmente, liberdades instrumentais, diferenciando-as em cinco tipos: (1) liberdades políticas, (2) facilidades econômicas, (3) oportunidades sociais, (4) garantias de transparência e (5) segurança protetora.

No que se refere às *liberdades políticas*, ressalta as oportunidades que elas geram aos cidadãos quanto à possibilidade de empreenderem debates na escolha de prioridades e na compreensão cooperativa de problemas e soluções. Em diversos países do mundo, a um enorme número de pessoas ainda são negadas as liberdades políticas e os direitos civis básicos.

As *facilidades econômicas*, ou melhor, a ausência das mesmas restringe o alcance das outras liberdades, especialmente das *oportunidades sociais* de educação e trocas culturais, bem como de *segurança protetora*, capaz de garantir a ausência da fome, acesso à saúde, ao trabalho, à moradia, ao saneamento básico, às condições de vestir-se, educar-se, etc.

Quanto à segurança protetora, Amartya Sen (2001)⁷ argumenta sobre a existência de programas de renda mínima.

⁷ In: http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/32/entrevistados/amartya_sen_2001.htm. Acesso em 01 set. 2012.

A ideia da renda mínima é uma ideia muito antiga em economia, remonta há muito tempo. E isso foi imaginado como uma forma de garantir a subsistência básica das pessoas. Certamente, é uma ideia importante e interessante, e foi representada sob diferentes formas. Na história europeia, as leis de assistência social podem ser vistas como uma espécie de garantia de renda mínima[...]. Uma das críticas que o pai da economia moderna, Adam Smith, fez às leis de assistência social não foi a de que elas davam assistência às pessoas, dando uma renda mínima, mas ele criticava o fato de que o apoio vinha de governos locais. Assim, ao mudar de um lugar para outro, a pessoa perde o direito à renda. Ele achava que isso tornava a mobilidade natural das pessoas mais difícil, devido a essas leis [...]. Era sua crítica. Mas acho que o principal argumento a favor de se ter uma renda mínima é forte, se pensarmos em termos de benefícios previdenciários europeus. Os nomes mudam, já foi chamado de "benefício suplementar", há nomes diferentes em diferentes países. Mas a ideia é que nem todos recebem a mesma renda, [...] mas se sua renda cair abaixo de um certo nível, você pode requisitar um auxílio, nessa situação.

Por sua vez, liberdades políticas estão intimamente relacionadas às garantias de transparência e ao exercício democrático de agente. Segundo Sen (2010, p.76) “A liberdade política na forma de disposições democráticas ajuda a salvaguardar a liberdade econômica (especialmente a liberdade de não passar fome extrema) e a liberdade de sobreviver (à morte pela fome)”.

Ao exercer a condição de *agente no processo democrático de decisões*, o sujeito vê-se em diálogo com o outro na busca de melhores condições de vida para todos. Para Sen (2010), a democracia é o principal instrumento a ser utilizado pelos agentes no combate à fome, por exemplo, pois, numa realidade multipartidária efetiva é muito pouco provável que haja fome coletiva.

A teoria de Sen se apoia em uma noção de agente competente, para pensar e agir reflexiva e cooperativamente, porque capaz de sensibilizar-se com realidades para além da esfera dos interesses materiais mais imediatos. Esse agente competente coaduna-se com as demandas de um agir político com vistas a padrões sustentáveis de vida, porque movido pela consideração dos interesses e bem estar dos outros (LIMA, 2006, p.123).

A capacidade de agente pressupõe a participação do cidadão o que, por sua vez, fará com que os governos sintam-se pressionados a atenderem aos anseios desses agentes, comprometidos com a dignidade humana e a expansão das liberdades. Não podemos esquecer que as liberdades são instrumentais (enquanto meio para se atingir o desenvolvimento), mas também se constituem no fim, na meta a ser atingida – a melhora da vida que levamos e das liberdades das quais desfrutamos.

Exercer a democracia participativa não só evitará que as nações e/ou regiões passem por situações caóticas, como a fome e epidemia coletivas, mas também garantirá um futuro consolidado pela participação e anseios da sociedade. [...]. A democracia se dá pela abertura de diálogo entre agentes sociais. Este deverão ter condições de participação efetiva, dentro de um processo democrático de decisões (ROCHA, 2001, p.199).

As liberdades instrumentais relacionam-se umas às outras, contribuindo para a expansão da liberdade humana em geral. A relação é de mão dupla: a expansão das “capacidades” das pessoas de levar o tipo de vida que elas valorizam pode ser aumentada pela ação da política pública; entretanto, por outro lado, a direção da política pública pode ser influenciada pelas capacidades participativas das pessoas.

Ter mais liberdade melhora o potencial das pessoas para cuidar de si mesmas e para influenciar o mundo, questões centrais para o processo de desenvolvimento: “aspecto da condição de agente”.

3.5 Formas de Privação da Liberdade

Amartya Sen (2010) relata a situação de um contingente expressivo de pessoas, ao redor do mundo, que são vítimas das várias formas de privação de liberdades. Destaca que a fome coletiva e a subnutrição ocorrem com determinadas populações, negando a liberdade básica de sobrevivência a milhões de pessoas. Além disso, “muitas pessoas têm pouco acesso a serviços de saúde, saneamento básico ou água tratada, e passam a vida lutando contra a morbidez desnecessária, com frequência sucumbindo à morte prematura” (SEN, 2010, p.29).

Na obra “*As pessoas em primeiro lugar: a ética do desenvolvimento e os problemas do mundo globalizado*” (SEN & KLIKSBURG, 2011), Sen apresenta dados atualizados que ilustram algumas formas de privação da liberdade no mundo contemporâneo.

Os avanços tecnológicos registrados pelo planeta são extraordinários e vertiginosos. Os dados referentes à vida das pessoas, porém, são preocupantes e só fazem piorar diante do impacto da atual crise internacional, a maior desde a grande depressão de 1930. O planeta poderia produzir alimento suficiente para uma população bem maior que a atual, e, no entanto, 1 bilhão de pessoas passam fome no mundo. As reservas de água existentes poderiam permitir o fornecimento de água potável para toda a população e, no entanto, 1,2 milhões de pessoas não tem acesso a água tratada. A água é algo decisivo para a vida [...]. Anualmente a sua falta provoca a morte de 1,8 milhão de pessoas. Quatro mil e novecentas crianças falecem a cada ano por não contar com água potável. Possuir um vaso sanitário e um sistema de saneamento é fundamental para a existência. Dois bilhões e seiscentos milhões de pessoas carecem disso, o que implica, para elas, uma vida miserável que afeta sua saúde gravemente.

DESENVOLVIMENTO E DIGNIDADE HUMANA: COMPLEMENTARIDADE DE DUAS DIMENSÕES DA LINGUAGEM

O déficit de água e de saneamento poderia ser reduzido pela metade com uma quantia equivalente a apenas cinco dias do orçamento militar somado do planeta. Muitas pessoas passam fome e sede [...]. Tudo em pleno século da inseminação artificial, da clonagem de animais, dos iPods, dos computadores portáteis da biblioteca digital universal e outras maravilhas tecnológicas. A cada ano, 500 mil mães morrem durante a gravidez ou parto [...]. Uma mulher por minuto [...]. Dezenove crianças com menos de cinco anos de idade morrem a cada cinco minutos de pneumonia, o que significa mais de 2 milhões ao ano. Os antibióticos que seriam capazes de curá-las custam 27 centavos de dólar (SEN & KLIKSBERG, 2011, p.04).

As fotografias de Salgado (2007) nos oferecem uma reflexão acerca dos dados apontados por Sen (2010, 2011): a fome estampada na imagem dos refugiados ruandenses; a precariedade da vida num acampamento de refugiados, onde inexistente saneamento ou água; a mãe que acompanha o filho subnutrido; as crianças subnutridas em um orfanato no Zaire; o nascimento precário de trigêmeos; a longa caminhada em busca de água.

Fotografia 20 - refugiados ruandenses, 1997



Fonte: SALGADO, 2007, p.171

Fotografia 21 - campo de refugiados na Tanzânia, 1994



Fonte: SALGADO, 2007, p.173

Fotografia 22 - crianças que sofrem de desnutrição grave

Angola, 2002



Fonte: SALGADO, 2007, p.75

Fotografia 23 - Orfanato no Zaire, 1994



Fonte: SALGADO, 2007, p.175

Fotografia 24 – nascimento de trigêmeos, Moçambique, 1994



Fonte: SALGADO, 2007, p. 51

Fotografia 25 - Zaire, 1994



Fonte: SALGADO, 2007, p.178

A privação da liberdade ocorre mesmo em países muito ricos, onde “às vezes a longevidade de grupos substanciais não é mais elevada do que em muitas economias mais pobres do chamado Terceiro Mundo” (SEN, 2010, p.29). Veiga (2006) expõe o exemplo, apontado por Sen, dos afro-americanos que possuem menos expectativa de vida (em anos) se comparados aos americanos brancos.

Os afro-americanos tendem a sair-se melhor em termos de sobrevivência nas faixas etárias mais baixas (especialmente no aspecto da mortalidade infantil) em comparação com os chineses ou indianos, mas o quadro muda ao longo dos anos. Esses contrastes incluem a influência de questões sociais, comunitárias, lei e ordem, prevalência de violência etc. (SEN, 2010, p.38).

Cabe destacar, ainda, a desigualdade sofrida por milhões de mulheres (se comparadas aos homens), o que acaba por restringir ainda mais as liberdades substantivas para o sexo feminino: morte prematura, subnutrição, doença/morbidez, analfabetismo e ausência de liberdade de expressão. Amartya Sen (2010) traz o exemplo das “mulheres faltantes” do sul da Ásia e da África setentrional, resultante da elevada taxa de mortalidade para as mulheres de determinada faixa etária. Esse fenômeno, no entanto, não pode ser analisado somente pelos índices de pobreza, pois a desigualdade entre os sexos está condicionada por outras variáveis sociais e culturais.

A visão de liberdade de Sen (2010) envolve as reais oportunidades das pessoas para exercerem essas liberdades, dadas as circunstanciais sociais, culturais e pessoais. Por isso a desigualdade presente entre a população em um país rico e a desigualdade entre homens e mulheres precisa ser analisada à luz dos *processos* que a produziram e das reais *oportunidades* que as pessoas tiveram.

3.5 Rendas e Capacidades

A relação entre desenvolvimento e liberdade está ancorada na expansão das capacidades das pessoas de fazerem escolhas, de levarem o tipo de vida que valorizam (qualidade de vida), exercendo sua condição de agente. Agente é aquela que participa democraticamente da vida em comunidade, fazendo escolhas que ampliem as suas liberdades e as liberdades das outras pessoas.

A perspectiva baseada na liberdade apresenta uma semelhança com a preocupação com a “qualidade de vida”, a qual também se concentra no modo como as pessoas vivem (talvez mesmo nas escolhas que têm) e não apenas nos recursos ou na renda que elas dispõem (SEN, 2010, p.40).

Com certeza, a privação das capacidades individuais está associada a um baixo nível de renda, mas não exclusivamente.

A privação de capacidades individuais pode estar fortemente relacionada a um baixo nível de renda, relação que se dá em via de mão dupla: (1) o baixo nível de renda pode ser uma razão fundamental de analfabetismo e más condições de saúde, além de fome e subnutrição; e (2) inversamente, melhor educação e saúde ajudam a auferir rendas mais elevadas (SEN, 2010, p.35).

Nas análises que empreendemos, nossa atenção precisa transcender a relação direta entre pobreza de renda e miséria humana, alcançando uma base compreensiva mais abrangente de privação de capacidades/liberdades, condicionadas e condicionantes, entre si. “O papel da renda e da riqueza – ainda que seja importantíssimo, juntamente com outras influências – tem de ser integrado a um quadro mais amplo e completo de êxito e privação” (SEN, 2010, p.35).

Nesse aspecto, compreendendo a pobreza como a privação de capacidades, percebemos a sua variabilidade entre comunidades e até mesmo entre famílias e indivíduos. Sen (2010) exemplifica destacando a capacidade afetada pela idade, pelos papéis sexuais e sociais, pela localização onde reside, pelas condições epidemiológicas e por outras variações sobre as quais uma pessoa pode não ter controle ou ter um controle limitado.

Novamente é importante apontar que a provisão de saúde, educação e segurança social, por mais importantes que sejam (e, de fato, o são), enquanto relações instrumentais,

não substituem o fim primordial do processo de desenvolvimento: a expansão das capacidades e das liberdades das pessoas, incluindo sua condição de agentes de mudanças.

Ao retratar as múltiplas faces da África, Sebastião Salgado apresenta um “continente que, num extremo, se reafirma como berço da humanidade e, no outro, nega esse mesmo sentido humano. Esta África adoece, de um lado, para se emancipar do outro” (COUTO, Mia. In: SALGADO, 2007, p. 115). A contradição entre a privação das liberdades substantivas e a esperança na capacidade de agente do ser humano está presente na

imagem do homem sentado num canto de um campo de refugiados, trabalhando numa máquina de costura. Ele fabrica vestuário num universo de gente nua e quase sem corpo, confere ordem a um caos que parece ser eterno, está vestindo futuro onde o Tempo parece ter parado para sempre (COUTO, Mia. In: SALGADO, 2007, p. 115).

Fotografia 26 – Tanzânia 1994



Fonte: SALGADO, 2007, p.193

3.6 Tradição, Cultura e Democracia

Alguns céticos têm combatido a teoria do desenvolvimento, sob o argumento de que pode causar danos irreversíveis à tradição cultural de determinado povo ou país. Entretanto, sob o ângulo do desenvolvimento como liberdade, as pessoas são livres para fazerem as escolhas e, com isso, percebe-se a questão valorativa das decisões.

Existe um inescapável problema valorativo na decisão do que se deva escolher se e quando acontecer de algumas partes da tradição não puderem ser mantidas juntamente com mudanças econômicas e sociais que possam ser necessárias por outras razões. A escolha não é fechada (SEN, 2010, p.49).

Voltando, novamente, à condição de vida das mulheres, em determinadas culturas, percebemos a minúscula longevidade e desrespeito às liberdades das mesmas. Assim, de acordo com Sen (2010, p. 50), “se um modo de vida tradicional tem de ser sacrificado para escapar-se da [...] longevidade minúscula [...], então são as pessoas diretamente envolvidas que têm que ter a oportunidade de participar da decisão do que deve ser escolhido”.

Algumas fotografias de Sebastião Salgado retratam mulheres vítimas da restrição de liberdades.

Fotografia 27



Fonte: SALGADO, 2000, p.74

Fotografia 28



Fonte: SALGADO, 2000, p.75

Fotografia 29

DESENVOLVIMENTO E DIGNIDADE HUMANA: COMPLEMENTARIDADE DE DUAS DIMENSÕES DA LINGUAGEM



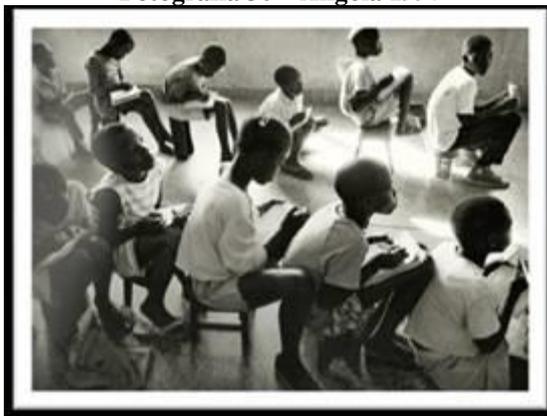
Fonte: SALGADO, 2000, p.77

Amartya Sen dá especial ênfase à educação enquanto liberdade instrumental que subsidia a participação. “Como a participação requer conhecimentos e um grau de instrução, negar a oportunidade da educação escolar a qualquer grupo é imediatamente contrário às condições fundamentais de liberdade” (SEN, 2010, p.51). O autor utiliza como exemplo os contrastes entre Índia e China.

Quando adotou a orientação para o mercado em 1979, a China já contava com um povo altamente alfabetizado – em particular os jovens [...]. Em contraste, a Índia possuía uma população adulta semianalfabeta quando adotou a orientação para o mercado em 1991, e a situação atual não é muito melhor [...]. Cabe observar, porém, que a China tem desvantagens reais em relação à Índia em razão da ausência de liberdades democráticas (SEN, 2010, p. 63 e 64).

Salgado destacou, em sua peregrinação pela África, a precária oferta de educação formal.

Fotografia 30 – Angola 1997



Fonte: SALGADO, 2007, p. 67

Fotografia 31– Quênia 1986



Fonte: SALGADO, 2007, p. 197

Sen (2010) também alerta para a tendência de estabelecer rankings entre países, quanto ao processo de desenvolvimento, destacando a impossibilidade disso, quando tomamos como fundamento “o desenvolvimento como expansão das liberdades”.

Quando nos concentramos nas liberdades ao avaliar o desenvolvimento não estamos dizendo que exista um “critério único” de desenvolvimento, a partir do qual as experiências podem ser medidas e ordenadas. A motivação que fundamenta a abordagem do “desenvolvimento como liberdade” não consiste em ordenar todos os estados (SEN, 2010, p.52).

Na avaliação do desenvolvimento dos países é necessário partir de uma visão diferenciada desse desenvolvimento, focando em coisas que de fato importam na busca pela existência digna das pessoas. Mais uma vez, Sen (2010) alerta para a compreensão de que a expansão das liberdades é o principal fim e o principal meio no que se refere ao desenvolvimento que realmente importa.

Não se julga o sucesso de uma sociedade em termos de seu PIB [Produto Interno Bruto]. Você pode ter um PIB alto, mas se você for preso por criticar o governo, acho que não tem muito desenvolvimento. Da mesma forma, se você pode criticar quem quiser, mas não tem dinheiro para comprar comida, mais uma vez não há desenvolvimento. É preciso ver a liberdade em diferentes perspectivas, e a totalidade nisso, o aprimoramento é desenvolvimento. Mas um tipo de liberdade ajuda outro tipo de liberdade [...]. A não-liberdade econômica pode levar à não-liberdade política. [Também] a não-liberdade política, na forma de falta de democracia, pode gerar fomes gigantescas, e, portanto, não-liberdade econômica. [Outra] tese é que diferentes tipos de liberdade ajudam a promover umas às outras. E assim, ter liberdade de forma compreensiva também é muito importante como um meio, pois liberdade política não é apenas um meio para liberdade política, é um meio para liberdade econômica, também para oportunidades sociais, etc. Essa é a interconexão (SEN, 2001⁸).

⁸ In: http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/32/entrevistados/amartya_sen_2001.htm. Acesso em: 01 set. 2012.

No caso brasileiro, é importante atentar para a discrepância entre o crescimento econômico no pós-guerra e a persistência da pobreza e exclusão.

Apesar do crescimento econômico do pós-guerra, no Brasil amplos segmentos da população permaneceram excluídos de seus benefícios [...]. A pobreza [...] é, a um tempo antiga e recente. É antiga porque sempre existiu, e é recente porque não era definida como problema [...]. Os economistas assumiam que, economicamente, nós estávamos produzindo de maneira consistente. Estávamos produzindo mais, a renda das pessoas aumentava, mas persistia a questão da pobreza (SILVA, 2002, p.39).

3.7 Os Fins e os Meios do Desenvolvimento

Sen (2010) faz, ainda, a distinção entre duas atitudes gerais sobre o processo de desenvolvimento:

O desenvolvimento é um processo “feroz”, com muito “sangue, suor e lágrimas” – um mundo no qual sabedoria requer dureza. Requer, em particular, que calculadamente se negligenciem várias preocupações que são vistas como “frouxas” [...]. As tentações a que se deve resistir pode incluir a existência de redes de segurança social para proteger os muito pobres, o fornecimento de serviços sociais para a população (SEN, 2010, p.54).

Em contrapartida, destaca o desenvolvimento visto como um “*processo amigável*, exemplificado por coisas como trocas mutuamente benéficas [...], atuação de redes de segurança social, liberdades políticas ou de desenvolvimento social, ou por alguma combinação dessas atividades sustentadoras” (SEN, 2010, p. 54-55).

Demonstra, nessa segunda atitude, frente ao desenvolvimento, a necessidade de adoção de disposições sociais, na forma de custeio público, a partir da reflexão acerca de análises estatísticas que comprovam a correlação positiva entre expectativa de vida e aumento do PNB (especialmente quando analisada a renda dos pobres) e os gastos públicos com a saúde. “O principal impacto do crescimento econômico depende muito do modo como seus frutos são aproveitados” (SEN, 2010, p.66).

Amartya Sen distingue dois tipos de êxito na redução rápida da mortalidade [por exemplo], que denomina respectivamente de processos ‘mediados pelo crescimento’ e ‘conduzidos pelo custeio público’. O primeiro processo funciona por meio do crescimento econômico rápido [...]. O segundo [...] opera por meio de um programa

de hábil manutenção social dos serviços de saúde, educação etc., mesmo em situações de lento crescimento econômico (VEIGA, 2006, p.39-40).

O custeio público é uma importante ferramenta para a expansão das liberdades (desenvolvimento) e precisa ser adotado independentemente do crescimento econômico. A expansão da educação básica e da atenção à saúde, que reduzem a mortalidade e aumentam a expectativa de vida, não pode esperar a elevação de renda per capita real, segundo Sen (2010). É preciso ir das prioridades à provisão dos serviços sociais que ampliam as liberdades instrumentais.

O processo conduzido pelo custeio público é uma receita para a rápida realização de uma qualidade de vida melhor, e isso tem grande importância para as políticas, mas permanece em excelente argumento para passar-se daí a realizações mais amplas que incluem o crescimento econômico e a elevação das características clássicas da qualidade de vida (SEN, 2010, p. 71-72).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurando argumentar sobre a relação entre desenvolvimento e dignidade humana a partir a complementaridade entre duas dimensões da linguagem (a imagem e a palavra), o texto trouxe as reflexões e interpretações de dois economistas contemporâneos, que se debruçaram sobre os mesmos cenários de privação de liberdades e grandes desafios à vida.

Reconhecendo que o desenvolvimento está para além do crescimento econômico, o texto apresentou as importantes contribuições de Amartya Sen e Sebastião Salgado na compreensão desse desenvolvimento como um processo de expansão das liberdades de que as pessoas desfrutam.

Pela imagem e pelo texto, é preciso que reconheçamos a realidade da pobreza mundial e da privação a que pessoas são submetidas, para que possamos exercer nossa condição de agentes, fazendo escolhas que possibilitem melhor qualidade de vida e dignidade para todos, assim, aproximando nossa conduta da dimensão ética da existência humana.

Os autores referenciados retratam a saúde, a educação e a seguridade social como relações instrumentais fundamentais para a existência digna da humanidade. Entretanto, a provisão das mesmas não constitui um fim por si só; essa provisão só adquire um real sentido quando tem como meta a expansão das capacidades e das liberdades das pessoas que, assim, passam a exercer a condição de agentes de mudanças.

Desnudando as múltiplas faces da África, por exemplo, Sebastião Salgado e Amartya Sen apontam as contradições desse continente que, de um lado, sofre com as privações das liberdades fundamentais da condição humana, mas, por outro lado, também conserva a esperança na capacidade de agente das pessoas, explícitas em muitas iniciativas de mudanças em prol da dignidade da existência.

Um mundo que vive uma incrível revolução tecnológica, ampliação das capacidades da ciência, prosperidade sem precedentes, também convive com problemas humanitários e com uma absurda e desigual distribuição de recursos e rendas. Diante dessas contradições, é preciso transcender a concepção de desenvolvimento apenas como crescimento econômico e compreendê-lo como algo que possa ampliar o exercício da condição humana, em todo o seu potencial; para Amartya Sen, ampliando as liberdades.

Por fim, a imagem de Sebastião Salgado (fotografia 32) parece sintetizar a fome e a esperança, na compreensão de desenvolvimento que esse artigo teve a pretensão de explorar.

**Fotografia 32 - homem transporta o filho
Sudão, 1985**



Fonte: SALGADO, 2007, p. 227

DEVELOPMENT AND HUMAN DIGNITY. THE COMPLEMENTARITY OF TWO DIFFERENT LANGUAGE DIMENSIONS

Abstract

The article approaches the concept of development as freedom and its implications in the expansion of human life dignity, especially when it refers to possible choices, based on the theories of two contemporary economists who, with different dimensions of language, agree

on the interpretation of the subject. Amartya Sen and Sebastião Salgado study the same historical context, where they try to understand the many meanings of the development and its repercussions in people's life. Knowing a little about their academic life, the main goal of this paper understands the complementarity among words and pictures used by the authors. When we use the images produced by Sebastião Salgado, we have to consider them as historical sources of multidisciplinary abrangence, which enable new approaching analysis from its records, as well as, the many reflections induced by Amartya Sen's words. The referred authors describe health, education and social security as essential tools for a dignified existence of the humanity. However, this provision does not constitute an end by itself; it only acquires a real meaning when its goal is the expansion of the people's capacities and freedom that, this way, start acting as agents of change.

Keywords: Development; Human dignity; Freedom; Amartya Sen; Sebastião Salgado

DESARROLLO Y DIGNIDAD HUMANA. COMPLEMENTARIDAD DE DOS DIMENSIONES DE LA LENGUAJE

Resumen

El artículo presenta el concepto de desarrollo como libertad y sus implicaciones en la ampliación de la dignidad de la vida humana, sobre todo en lo que se refiere a las decisiones posibles, a partir de dos economistas contemporáneos que, con distintas dimensiones del lenguaje, se complementan en la interpretación del tema. Amartya Sen y Sebastião Salgado miran un contexto histórico parecido, intentando entender mejor los múltiples sentidos del desarrollo y sus repercusiones en la vida de las personas. Sabiendo un poco la trayectoria de ambos, el desafío de ese texto es entender la complementariedad entre las palabras y las fotografías utilizadas por los autores. Utilizando las imágenes producidas por Sebastião Salgado, nosotros estamos considerándolas como fuentes históricas en una perspectiva multidisciplinar, que nos permiten nuevos enfoques de análisis a partir de sus registros, así como las palabras de Amartya Sen nos inducen a múltiples reflexiones. Los autores mencionados retratan la salud, la educación y la seguridad social como relaciones instrumentales fundamentales para la existencia digna de la humanidad. Sin embargo, la

provisión de las mismas no constituye un fin en sí mismo; esa provisión sólo adquiere un sentido real cuando tiene como meta la expansión de las capacidades y de las libertades de las personas que, así, pasan a ejercer a condición de agentes de cambio.

Palabras claves: Desarrollo; Dignidad humana; Libertad; Amartya Sen; Sebastião Salgado

REFERÊNCIAS

AMARTYA SEN. Disponível em: <<http://www.algosobre.com.br/biografias/amartya-sen.html>>. Acesso em 29 ago. 2012.

AMARTYA SEN. Disponível em: <<http://www.wook.pt/authors/detail/id/15881>>. Acesso em 29 ago. 2012.

BARBOSA, Andréa e CUNHA, Edgar Teodoro da. *Antropologia e Imagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; 1996.

GÓMEZ, Jorge Montenegro. Crítica ao Conceito de Desenvolvimento, 1997. Disponível em: <<http://www4.fct.unesp.br/ceget/PEGADA31/jorgev3n1out2002.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2012.

HERCULANO, Selene C. A Qualidade de Vida e seus Indicadores. In: HERCULANO, Selene et al. (org.). *Qualidade de Vida e Riscos Ambientais*. Niterói: EDUFF, 2000.

KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. 4 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

LIMA, João Vicente R. B. C. A noção de desenvolvimento sustentável à luz dos conceitos de desenvolvimento humano (Amartya Sen) e democracia dialógica (Anthony Giddens). *Redes*, Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, v. 11, p. 119-134, maio/ago. 2006.

OLIVEIRA, Gilson Batista de. Uma discussão sobre o conceito de desenvolvimento. *Revista da FAE*, Curitiba, v.5, n.2, p.37-48, maio/ago. 2002.

OLIVEIRA, Roberson de e GENNARI, Adilson Marques. *História do Pensamento Econômico*. São Paulo: Saraiva, 2009.

ROCHA, Jefferson Marçal. Uma utopia possível ou a busca do consenso? – análise do livro “Desenvolvimento como Liberdade” de Amartya Sen. *Redes*, Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, v. 6, p. 195-200, maio/ago. 2001.

SALGADO, Sebastião. *África*. Alemanha: Taschen, 2007.

SALGADO, Sebastião. *Êxodos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SEBASTIANY, G.; DEPONTI, C. M.

SALGADO, Sebastião. *O fim da pólio: a campanha mundial para a erradicação da doença*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SALGADO, Sebastião. *Terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1007.

SALGADO, Sebastião. *Um Fotógrafo em Abril*. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.

SALGADO, Sebastião. Fotografia. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/1142313-menina-eternizada-em-foto-de-sebastiao-salgado-ainda-e-sem-terra.shtml>>. Acesso em 01 set. 2012.

SEBASTIÃO SALGADO – BIOGRAFIA UNICEF. Disponível em: <<http://www.unicef.org/spanish/salgado/bio.htm>>. Acesso em 26 ago. 2012.

SEBASTIÃO SALGADO. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/biografias/sebastiao-salgado/>>. Acesso em 26 ago. 2012.

SEN, Amartya & KLIKSBURG, Bernardo. *As pessoas em primeiro lugar: a ética do desenvolvimento e os problemas do mundo globalizado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SEN, Amartya. *Desenvolvimento como Liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SEN, AMARTYA. Disponível em: <http://www.corecon-rj.org.br/Grandes_Economistas_Resultado.asp?ID=143>. Acesso em 29 ago. 2012.

SEN. Entrevista no Programa Roda Viva. Disponível em: <http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/32/entrevistados/amartya_sen_2001.htm%3e.%20>. Acesso em 01 set. 2012.

SILVA, Tema Marques da. A pobreza e a saúde: que perspectivas de vida saudável teremos para o século XXI? In: CIANCIARULLO, Tamara I. & CORNETTA, Vitória Kedy. *Saúde, Desenvolvimento e Globalização: um desafio para os gestores do terceiro milênio*. São Paulo: Ícone, 2002.

VEIGA, José Eli da. *Desenvolvimento Sustentável: o desafio do século XXI*. 2 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

Data de recebimento: 29/11/2012

Data de aceite: 28/05/2013